

RESENHA

RADFORD, A. (1990). *Syntactic Theory and the Acquisition of English Syntax: the nature of early child grammar of English*. Oxford, Basil Blackwell, 311 p.

Resenhado por: Marina AUGUSTO, Helena BRITTO, Célia CASTILHO, Vilma CORRÊA & Nilmara SIKANSI (Universidade Estadual de Campinas)

0. A teoria gerativista, principalmente a partir da abordagem de princípios e parâmetros, tem sido um instrumento de análise relevante para explicar dados de aquisição. Tomando como base essa abordagem, Radford traça um perfil dos estágios de desenvolvimento linguístico da criança e apresenta, como objetivo geral deste trabalho, o intuito de determinar, a partir da análise de dados de fala espontânea, as categorias presentes em suas gramáticas, chegando a definir um estágio caracterizado como pré-funcional. Esse estágio - denominado léxico-temático (18 a 24 meses) - é o ponto central discutido pelo autor no livro. Além desse, são definidos os estágios pré-categorial (0 a 17 meses) e o funcional (a partir de 24 meses). Frente a essa subdivisão de estágios atingida, o autor salienta, finalmente, que tal quadro de descrição e análise só pode ser sustentado por uma visão maturacional de desenvolvimento linguístico.

O livro subdivide-se em 10 capítulos, precedido de um prefácio do autor e seguido de bibliografia e índice remissivo. O primeiro capítulo apresenta os objetivos e perspectivas teóricas do autor, sendo que nos dois capítulos seguintes é desenvolvida sua hipótese acerca do desenvolvimento da gramática nas crianças. Os capítulos de 4 a 8 procuram apresentar evidências a favor da ausência, nessa fase da aquisição, de categorias funcionais (D, C e I) e suas conseqüências, tais como não-marcação de Caso e ausência de argumentos. Uma síntese de sua argumentação é dada no capítulo 9, e, a título de encerramento, são feitas no capítulo 10 considerações epistemológicas acerca do painel traçado.

No estágio léxico-temático, segundo Radford, as estruturas produzidas pelas crianças não são puramente semânticas e sim temático-categoriais. As evidências de categorização encontradas são tanto morfológicas - como o uso de maneira produtiva, seletiva, contrastiva e

apropriada das flexões nominal (plural) e verbais (gerúndio e participio) - quanto sintáticas - como a correta distribuição dos itens lexicais. Nessa fase inicial de categorização, a criança tem as quatro categorias lexicais básicas (N, V, P, A), desenvolvendo seus respectivos sistemas, o que implica dizer que ela 'sabe' projetá-los adequadamente, conforme a estrutura abaixo:

- (1) [X^m especificador [X adjunto [X' [X núcleo] complemento(s)]]]

Diante dessa estrutura, pode-se deduzir que a criança já atribui valores aos seguintes parâmetros de ordem: (i) do núcleo, (ii) do adjunto e (iii) do especificador.

Isto posto, o autor passa a apresentar inúmeros argumentos em relação à ausência das categorias funcionais conforme sustentado para este estágio.

1. Ausência de DP

Para o sistema de determinantes, Radford prediz que as estruturas nominais produzidas pelas crianças são indeterminadas, ou seja, são puramente projeções lexicais de um núcleo N num NP sem a projeção funcional de NP em DP. As evidências para tal afirmação consistem no fato de que as crianças usam nominais indeterminados em contextos onde os adultos requerem nominais determinados (2), assim como não usam o morfema genitivo, utilizando produtivamente o padrão exemplificado em (3):

- (2) Where helicopter? Here helicopter (Stefan 17)
 (3) Mummy [car]. Mummy [tea]. Daddy [hat] (Stefan 17)

Além disso, Radford assume que, na fase lexical, não há evidências de que a criança tenha adquirido os mecanismos de marcação de Caso que operam na gramática do adulto, apesar de suas estruturas refletirem a dos correspondentes nominais adultos:

- (4) a. the lady's cup of coffee (adulto)
 b. lady cup of coffee (criança)

Segundo o autor, para estruturas como [DP [D 's'] [NP the lady [N' [N cup] of coffee]]], o sintagma *the lady*, por ser DP e por não estar numa

posição Casual, move-se para Spec de DP, recebendo Caso à esquerda do determinante 's, o que resulta na estrutura superficial (4a) [DP the lady [D 's] [NP e [N' cup of coffee]]]. Em (4b), por outro lado, os nominais possessivos ficam em Spec de NP tanto profunda como superficialmente. Como não há DP, não é necessário o Caso e, conseqüentemente, não há o movimento de NP. A ausência, na fala espontânea das crianças, de preposição *of* marcadora de Caso (5) constitui um dos principais argumentos para a sustentação da hipótese da não-marcação Casual em virtude da não existência de DP.

(5) [cup tea] (= a cup of tea) (Stefan 17)

A título de validar ainda mais sua argumentação, Radford afirma que, como a gramática das crianças não contém o sistema funcional de determinantes, os primeiros nominais não apresentam *a/the/this/that*, o genitivo 's, como também os determinantes pronominais *I/me/my*. Especificamente com relação aos pronominais, o autor explica o uso de nominais em sentenças como (6) como conseqüência do desconhecimento das formas *I e You*:

(6) Kendall see Kendall (= "I see myself", Kendall 23)

Finalmente para casos como (7), Radford diz que tais formas devem ser interpretadas como impostores, i.e., têm a mesma forma fonológica do adulto, embora se diferenciem quanto ao estatuto categorial:

(7) a. Want that. Like that (= "I'd like that")
b. Mummy's. Mummy key (Gia 20, holding mother's key)

Para o autor, exemplos como (7a) sugerem que a criança analisa os demonstrativos como NP pronominais desprovidos de flexão e Caso. Quanto a (7b), pode-se dizer que o uso esporádico do 's genitivo não indica a aquisição da categoria.

2. Ausência de CP .

Radford postula que a fala das crianças entre 18 e 24 meses é equivalente às mini-orações dos adultos por não possuírem ainda o sistema C. A primeira evidência apontada por ele a favor desta hipótese

baseia-se na ausência de complementizadores, tais como *that/for/whether/if*, nas sentenças-complemento:

- (8) want [hat on] (Daniel 19)

O segundo argumento apresentado pelo autor diz respeito ao fato de que a criança não faz a inversão sujeito-verbo auxiliar nas interrogativas diretas (9), sendo que, na fala do adulto, a posição do complementizador é o local de pouso do verbo anteposto nessas sentenças:

- (9) a. Criança: Jane go home? (Claire 24.5)
b. Adulto: [CP Does [Jane go home]]

Em seguida, Radford analisa dados de interrogativas com elemento *qu-* e verifica que, ou a criança omite o verbo auxiliar e o elemento *qu-*, seja na fala espontânea (10), seja na fala imitada (11), ou ela, imitando o adulto, retém o elemento *qu-* *in situ* (12):

- (10) You got? (What have you got? Harriet 18)
(11) Where does Daddy go? (adulto) Daddy go? (Daniel 23)
(12) Adulto: What are they doing there?
Criança: Doing what there? (Claire 23)

Os exemplos de interrogativas onde o elemento *qu-* aparece claramente em posição deslocada (13) podem ser classificados como sentenças formularias. Tal fato não contradiz a hipótese do autor, pois essas ocorrências são tratadas como um todo não analisado pela criança, uma vez que a cópula nem sempre concorda com o elemento *qu-* que está em posição deslocada na sentença (14):

- (13) What's that? (Dewi 18)
(14) What color is these? (Holly 24)

O último argumento apresentado por Radford referente a não presença do sistema CP na gramática infantil refere-se à incapacidade de as crianças nesse estágio analisarem corretamente as sentenças que apresentam o elemento *qu-* anteposto. Em alguns casos, elas simplesmente respondem com um preenchedor qualquer (15); em outros, repetem uma palavra que apareceu na pergunta do adulto (16) ou apenas identificam a referência de um pronome que ocorreu na questão (17):

- (15) What have you got? Eh? (Dewi 20)
 (16) What did Mummy say? Mummy (Jenny 21)
 (17) What's he (postman) doing here? Daddy (Jenny 24)

O autor apresenta, por fim, dois possíveis contra-exemplos (18) e (19) à sua análise. No entanto, ele salienta que (18) é um uso nitidamente formular (não analisado), enquanto (19) pode ser visto como semi-formular, pois há variação de apenas um elemento na sentença.

- (18) How are you? (Betty 18)
 (19) Where girl go?/ What Kitty doing? (Claire 24)

Frente a essa exposição, o autor conclui que não existem argumentos empíricos suficientes que demonstrem que a criança possui o sistema C.

3. Ausência de IP

Além do sistema CP, Radford propõe que a criança não possui a categoria funcional IP e dá evidências morfológicas e sintáticas para fundamentar sua hipótese. Segundo o autor, a gramática da criança apresenta certas características, tais como a não utilização dos modais (20), o não emprego da partícula *to* indicadora de infinitivo (21) e o uso somente de formas verbais não flexionadas, como o gerúndio *-ing* ou o particípio em *-n*, não havendo emprego nem de *-d* indicativo de tempo passado, nem de *-s* indicativo de terceira pessoa do singular (22). Acrescido a isso, o autor observa que, mesmo quando são feitas perguntas contendo verbos marcados com tempo e concordância, a resposta dada pela criança apresenta verbos sem essas marcas (23):

- (20) Mummy do it. Bethan sit down. Me want it. (Bethan, 20)
 (21) Want [teddy drink]. (Daniel, 19)
 (22) Helen ride. Daddy come. Daddy coming. (*Helen, 21)
 (23) A.: What did you draw?
 C.: Hayley draw boat. (Hayley, 20)
 A.: What does the pig say?
 C.: Pig say oink. (Claire, 25)

A ausência de uso de quaisquer auxiliares - quer auxiliares *dummy* como *do* (24) e *be* (25) (auxiliares sem conteúdo semântico intrínseco,

que funcionam essencialmente como portadores dos traços de tempo/concordância), quer auxiliares aspectuais, do tipo progressivo *be+ing* (26) ou perfectivo *have+n* (27) - são ainda os outros argumentos elencados pelo autor a fim de dar provas empíricas da não existência do sistema IP na fala espontânea da criança no estágio de aquisição abordado:

- (24) Wayne not eating it. Wayne not eat it. (Daniel, 23)
- (25) Hand cold. Fire hot. (Elen, 20)
Mouse in window. It in bag. (Hayley, 20)
- (26) Baby talking. (Hayley, 20))
- (27) Daddy gone. It gone in. (Paula, 18)

Radford destaca que os usos que as crianças fazem de formas verbais no passado (28) e de formas verbais com tempo/concordância no presente (29) poderiam ser vistos como contra-exemplos à sua argumentação, mas só o são aparentemente, pois têm uso esporádico - o que comprova sua não produtividade:

- (28) Lost it. (Bethan, 20)
Found it. (Bethan, 21)
- (29) Here it is! (+Neville 18, +Gary 21, *Claire 24)
Here you are! (+Frances 18, +Gary 21, +Jack 24)

Especificamente em relação a estruturas como (29), Radford sustenta que são usadas preferencialmente de maneira formular e apresenta duas razões para justificar seu ponto de vista: (i) os usos mostram uma ordem altamente marcada (locativo+sujeito+verbo), o que não acontece em outras execuções usadas pelas crianças nesse estágio; (ii) o sujeito das construções é invariável e nunca substituído por outros constituintes.

O uso de 's, indicativo da terceira pessoa do singular do presente de *be*, destacado em outras construções presentes no *corpus* (30) também não se sustenta como argumento contrário à hipótese da ausência do sistema IP, uma vez que, segundo o autor, as crianças nesse estágio não usam produtivamente essa flexão em raízes verbais fonologicamente realizadas - pois não produzem formas como *wants/goes/sees* -, nem generalizam formas como *bes/haves*, além do fato de a flexão ser usada esporadicamente tanto em crianças diferentes, como numa mesma criança ((31)e(32)):

- (30) Where's helicopter? Where's bee? (Stefan, 17)
Here's Teddy. Here's one. Here's baby. (Paula 18).
- (31) Where's helicopter?/ Where helicopter? (Stefan 17)
- (32) Where's hand? What's that? There's Mummy in kitchen.
Here's bubble. That's bee. It's Roland.
Where Carol? What this? There Mummy. Here bubble.
That chair. It Wayne. (Daniel 19-23)

Assim sendo, a flexão *-s* é só aparentemente uma forma copular, pois não se encontra uso contrastivo de formas plenas (*is/am/are/was/were*) ou contratas (*'m/re*). No que diz respeito à forma contrata *'s*, construções ilustradas em (33) desvelam, para Radford, a indubitável ausência de IP na gramática da criança, visto que é usada tanto com complementos no singular (31) como no plural (33), além de ser utilizada com distribuição distinta da encontrada na gramática do adulto, pois aparece como sufixo de apenas um grupo específico de itens lexicais: pronomes inanimados *it/thai/what* e pronomes locativos *there/where*.

- (33) Criança: There's birds. (+Sean 21)
Adulto: "There are the birds", "There are my boots";

4. Ausência de Sistema Casual

Em virtude da ausência da projeção da categoria funcional IP em sentenças de crianças no estágio de aquisição mencionado, Radford supõe primeiramente que crianças neste estágio não devem saber o modo como a atribuição e a realização de Caso nominativo são feitas pelos falantes adultos do inglês. Afinal, a interdependência entre marcação de Caso nominativo e presença de traços de concordância é, segundo o autor, um fato evidente no inglês de falantes que já adquiriram a língua completamente. Admitindo que a relação entre Caso nominativo e concordância sujeito-verbo reflete um universal, Radford estipula, em contrapartida, a existência de línguas sem propriedades de concordância que não teriam formas nominativas. Sua estipulação é confirmada em Kikongo (ou Congolês):

- (34) Munu/nge/yandi/beto/beno/bau kekudiaka loso.
Eu/você/ele(a)/vocês/eles(as) comer ([+Tense]) arroz.

- (35) Yandi bulaka munu / Munu bulaka yandi
 Ele(a) bate-me / Eu bato-o(a)

Transposta para a fala em estilo pronominal de crianças, a argumentação de que línguas sem [+AGR] em INFL não portam assimetria sujeito/objeto morficamente expressa, constata-se que significativamente a fala infantil não apresenta tal assimetria:

- (36) a. Geraint hit me (Bethan 20)
 b. Put him bed (Daniel 22)

- (37) Me do it. Me come in (Bethan 21)

Frente a tais exemplos, Radford conclui que se o Caso nominativo consiste numa projeção funcional (no sentido de ser atribuído por um marcador de concordância funcional I a um DP funcional), então a não-aquisição do nominativo por parte das crianças está inteiramente de acordo com sua proposta, que prediz que as gramáticas destes falantes são puramente lexicais.

As demais demonstrações de ausência do sistema de Caso na gramática das crianças vinculam-se ao fato de elas usarem a vogal neutra *schwa* como preenchedor em contextos onde adultos usam pronomes nominativos (*ð* write [scribbling on paper] (Gia 19)). Isso parece sugerir que a estratégia é utilizada com o intuito de suprir a não aquisição da complexa morfologia referente às formas Casuais. Outra evidência consiste, ainda, no não uso de contraste entre nominativo e acusativo - o que implica, para o autor, a inexistência de Caso como uma propriedade formal no inglês falado pelas crianças. As formas acusativas que aparecem no corpus devem, então, ser interpretadas como pro-nomes, usados do mesmo modo que a categoria lexical nome. Esta hipótese pro-N explicaria, segundo o autor, o fato de mini-orações poderem ocorrer apenas como sentenças-complemento na fala de adultos, ao passo que estas mesmas estruturas ocorrem como sentenças-raiz na produção lingüística das crianças. Assim, conforme (36), crianças usam NPs sem Caso em contextos em que adultos exigem DPs marcados Casualmente, sem qualquer violação dos princípios da Teoria Casual.

Também construções ilustradas em (38) demonstram que na gramática da criança preposições não são interpretadas como atribuidores de Caso:

(38) Go school. Gone school (Daniel 23)

Exemplos como (38) indicam primordialmente que crianças neste estágio usam formas nominais como complementos diretos de verbos intransitivos, sem precisar contar com a inserção preposicional necessária nas estruturas produzidas pelos adultos, o que ratifica mais uma vez a não presença do sistema de marcação de Caso neste estágio.

À guisa de conclusão, o autor aponta ainda o interessante fato de que as crianças com frequência produzem as chamadas estruturas binominais - que consistem exatamente em construções que apresentam um núcleo vazio acompanhado de um NP sujeito e um NP complemento:

- (39) a. Mummy sock (Kathryn 21, while M is putting K's sock on K)
 b. Mummy kitchen (Daniel 22, indicating that his mother is in the kitchen)

Em construções como as acima expostas, parece bastante plausível, segundo Radford, uma interpretação que considere a existência de núcleos V ou P nulos. Contudo, o fato de tais categorias vazias perderem a capacidade de atribuir Caso - por não serem apropriadamente regidas - leva o autor a presumir que NPs sem Caso em exemplos como estes ocupam posições não-argumentais. Desta forma as chamadas estruturas binominais vêm também reforçar a sua hipótese basilar sobre o sistema de atribuição de Caso na gramática de crianças, segundo a qual os nominais no inglês falado por crianças com idade entre 18 e 24 meses são NPs sem Caso que ocupam posições nas quais a marca Casual não é atribuída.

5. Argumentos Ausentes

No capítulo 8, Radford trata dos argumentos ausentes nas gramáticas das crianças. A explicação dada a esse aspecto visa a adequar-se à proposta do estágio pré-funcional defendido pelo autor. Ou seja, há uma preocupação com análises tradicionais sobre o sujeito

nulo na gramática da criança com base em categorias funcionais, como é o caso de Hyams (1986), cuja proposta é a da presença da categoria *pro*, licenciada por I e identificada por Agr.

Radford argumenta, como já exposto anteriormente, que não há traços de concordância na gramática da criança que possam identificar essa categoria vazia *pro*. O mesmo já fora notado na literatura por Jaeggli & Safir (1987) em relação ao chinês, que também apresenta sujeitos nulos sem apresentar traços de concordância no verbo. Os autores introduzem a noção de uniformidade morfológica - válida para o licenciamento de *pro*, sugerindo que a identificação se faria por meio de um tópico nulo. Radford sugere, portanto, que uniformidade morfológica, na gramática da criança, significa a ausência de INFL, salientando que o aparecimento dos morfemas contrastivos de presente e passado, na criança, coincide justamente com o fim do estágio de sujeito nulo (no caso do inglês).

No entanto, segundo o autor, essa proposta enfrenta um problema, em relação à gramática da criança, uma vez que esta apresenta além de sujeitos nulos (40), objetos nulos (41), assim como objetos e sujeitos nulos em uma mesma sentença (42), argumentos adverbiais nulos (43) e mesmo complementos de preposições nulos (44).

- (40) Want crayons. (Jem 21)
- (41) Lady do. (Jem 21)
- (42) Cuddle [cuddling his mum] (Jem 21)
- (43) Paula put it pro. (Paula 18)
- (44) Crayon under pro. (Bethan 21)

Ou seja, a proposta de um tópico nulo não pode identificar ao mesmo tempo, em uma mesma sentença, tanto um sujeito como um objeto nulos. Radford salienta que uma análise do tipo tópicos múltiplos leva à contradição de se ter uma estrutura muito mais complexa para um tipo de sentença constituída somente de verbo como material lexical (45) em oposição à sentença construída com sujeito e objeto presentes (46). Deve-se ter em mente ainda que na fala da criança não há estruturas com tópico.

- (45) Want
- (46) I want crayons.

Diante dessas considerações, Radford levanta duas hipóteses de tratamento dos argumentos ausentes na fala da criança. A primeira considera os argumentos ausentes como NPs nulos. Não havendo categorias funcionais na gramática da criança, não há restrições de licenciamento nem de NPs lexicais, nem de NPs nulos. A identificação desses NPs nulos se daria pragmaticamente num paralelo com o funcionamento do japonês.

A segunda hipótese é mais radical e propõe que os argumentos estão realmente ausentes da sintaxe nesse estágio. O autor toma a proposta de Rizzi (1986) acerca da saturação de papéis temáticos. Essa pode se dar tanto sintática como lexicalmente, obedecendo a restrições específicas e idiossincráticas do item lexical, conforme (47) e (48).

(47) John ate in the restaurant.

(48) *John devoured in the restaurant.

A gramática da criança explora, portanto, a possibilidade de saturação lexical menos restritivamente. Essa posição, de acordo com o autor, possibilita traçar uma continuidade no desenvolvimento dos estágios. O estágio de uma palavra seria marcado pela possibilidade única de saturação lexical; já o estágio de duas palavras apresentaria uma atuação livre entre saturação lexical e sintática. Os argumentos ausentes não projetados na sintaxe teriam uma interpretação específica dependente do contexto.

As objeções relativas a essa proposta parecem ser apenas aparentes. A incompatibilidade com o Princípio do Sujeito - que obriga a projeção da posição, preenchida nas línguas pro drop por **pro** e nas não pro-drop por um expletivo - é uma restrição acerca da necessidade do elemento funcional descarregar o Caso que tem a atribuir. A gramática da criança não tem Caso, conforme defendido nessa proposta, e portanto não teria essa obrigatoriedade de projetar o sujeito. Outra objeção diz respeito ao fato dos argumentos implícitos, na gramática do adulto, receberem uma referência arbitrária. Radford argumenta, no entanto, que há também objetos nulos com interpretação definida, como é o caso dos benefactivos:

(49) When I was in trouble, you didn't help.

Desse modo, Radford defende alternativas possíveis para a análise dos argumentos ausentes na gramática da criança compatíveis com a proposta de um estágio pré-funcional.

6. Conclusões e Perspectivas

No capítulo 9, Radford retoma as hipóteses lançadas ao longo do livro, apresentando uma síntese de sua proposta relativa a um estágio pré-funcional na gramática da criança - caracterizado pela presença de categorias lexicais com suas projeções e pela ausência de categorias funcionais. Disso se conclui que o estágio léxico-temático se torna operativo antes do estágio funcional. Tendo em vista essas afirmações, o autor se preocupa em apontar, no último capítulo, possíveis explicações para tal comportamento e suas eventuais implicações teóricas.

A explicação para a aquisição tardia das categorias funcionais que se baseia na sua complexidade formal não se sustenta frente à presença, já na fala bem inicial da criança, de itens irregulares que tendem a ser generalizados segundo o padrão regular (cf. *man/mans*).

Uma outra possibilidade de explicação leva em consideração a relativa complexidade semântica das categorias funcionais em contraposição às lexicais. Essas têm um conteúdo semântico marcadamente concreto em oposição às funcionais que são de caráter abstrato e cuja função é essencialmente 'gramatical'. Esse tipo de explicação, todavia, implica atribuir à criança uma imaturidade cognitiva que só se verifica em termos lingüísticos, o que invalida seu poder preditivo.

A abordagem em termos teleológicos para o desenvolvimento gramatical da criança, segundo a qual as categorias lexicais devem já estar presentes para que as categorias funcionais possam se desenvolver, consiste, ainda, em mais uma alternativa apresentada pelo autor para justificar o comportamento gramatical demonstrado. No entanto, essa explicação não descarta a possibilidade de alguma categoria funcional se desenvolver (p. ex., um DP a partir do NP) antes que as demais categorias lexicais estejam presentes (ou seja, VP, AP e PP).

A visão paramétrica é também mencionada pelo autor como uma possível explicação, embora seja desconsiderada a seguir em virtude da própria teoria não ter ainda estabelecido com precisão o número de

parâmetros pertinentes à análise das gramáticas de crianças e adultos, nem definido se estes se referem a categorias lexicais ou funcionais.

Finalmente, considera-se uma explicação maturacional segundo a qual diferentes princípios da GU são programados geneticamente para entrar em operação em diferentes estágios maturacionais biologicamente determinados. Segundo o autor, ao contrário da hipótese maturacional, a hipótese da continuidade não fornece uma resposta para o fato do sistema léxico-temático desenvolver-se de modo uniforme antes do funcional-não-temático, conforme atestam os dados.

(Recebido em 13/09/1993)